

# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



## O TRABALHO NA VIDA DAS MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA

Taliane Pereira Oliveira\*

### RESUMO

O presente resumo é parte da reflexão que envolve a pesquisa de mestrado intitulada *Mulheres Chefes de Família em Cruz das Almas/BA: um Estudo Comparativo entre as Classes Popular e Média*, que está em curso e utiliza-se do método qualitativo, através de observação participante, entrevistas semiestruturadas e em profundidade. A vida das mulheres chefes de família é geralmente marcada pelo excesso de trabalho, que vai desde o trabalho doméstico não remunerado realizado em suas casas, até o trabalho voltado para a aquisição de renda, com a finalidade de sustentar suas famílias. Entre nossos objetivos está a discussão em torno da desvalorização do trabalho doméstico que acarreta uma sobrecarga para as mulheres. Além disso, pretendemos mostrar as diferenças marcantes nas experiências das mulheres chefes de família, especialmente no que tange às suas identidades de classe e raça. As entrevistadas pertencentes às classes populares, de maioria negra, são as que mais se ocupam de inúmeras tarefas diárias, necessitando desenvolver atividades dentro de suas casas para a obtenção de renda, pois precisam também cuidar de seus filhos. Enquanto que a vida cotidiana das mulheres de classe média, de maioria branca, é facilitada na medida em que podem contar com a ajuda de empregadas domésticas e babás, o que demonstra um privilégio, tanto de classe, como de raça.

**Palavras-chave:** Mulher Chefe de Família. Trabalho. Trabalho Doméstico. Classe. Raça.

### INTRODUÇÃO

Este artigo pretende discutir as nuances que envolvem as múltiplas atividades que podem ser configuradas como trabalho na vida das mulheres chefes de família. O trabalho remunerado propriamente dito, que tem como principal função o sustento da família, e a realização profissional – especialmente quando falamos das mulheres de classe média – além das infindáveis tarefas domésticas realizadas por essas mulheres para cuidar dos filhos e dos afazeres da casa. Entretanto, é necessário fazer uma breve apresentação referente à temática das mulheres chefes de família, a fim de aproximar o leitor do tema e introduzir algumas reflexões que serão desenvolvidas mais adiante.

# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Tomando o caso brasileiro, em seu contexto colonial, o modelo de referência familiar, ao menos aquele que predominava no imaginário cultural, foi a família patriarcal extensa, registrada pelo sociólogo Gilberto Freyre, no início dos anos trinta do século passado. Entretanto, já é de conhecimento comum que a sociedade colonial não era formada apenas de senhores e escravos, e que também existiam nessa época outras formas de família, inclusive famílias chefiadas por mulheres, e essa variação se dava por meio das circunstâncias particulares em cada região do país, definidas historicamente (FONSECA, 2002).

As análises mais recentes sobre o tema da família apresentam uma mudança nos papéis familiares, e a mola propulsora dessa mudança está na maior inserção das mulheres no mercado de trabalho. Se, por um lado, essa modificação acontece em virtude da afirmação da individualidade dessas mulheres, por outro, ocorre pelas diferentes obrigações e responsabilidades impostas pelos distintos vínculos familiares, entre eles, a chefia de família exercida pelas mulheres (SARTI, 1996).

Ainda, é preciso chamar a atenção para essa maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, que é assim por nós designada, por considerarmos o fato de que muitas mulheres brasileiras atuam desde sempre no mercado, exercendo desde o trabalho forçado até diversas profissões subalternas. É preciso não apenas lembrar dessas mulheres, como também é necessário nomeá-las, como nos diz Carneiro (2014), fazendo com que fiquem evidentes suas identidades raciais e de classe, além de demonstrar o quanto débil é a ideia que concebe a mulher enquanto uma categoria homogênea.

## 1. As multideterminações: gênero, raça e classe

O modelo colonial instituído no Brasil trouxe um enorme contingente populacional de África para o exercício do trabalho forçado, onde se encontrava um grande número de mulheres negras que enfrentavam desde o trabalho no campo até as atividades no âmbito doméstico e o cuidado com os filhos dos senhores de escravos, realizados através das figuras da escrava, da mucama e da ama de leite. A economia nacional esteve pautada na monocultura da cana de açúcar, na

# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



mineração e, posteriormente, no plantio de café, e todas essas atividades contaram com a participação das mulheres negras, seja direta ou indiretamente, como responsáveis pelo cuidado das famílias que geriam a economia nacional.

Sueli Carneiro (2014), em artigo intitulado *Enegrecer o Feminismo: a Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero*, traz uma reflexão sobre as especificidades das mulheres negras que não foram consideradas na formação do pensamento feminista, que tomava a mulher como uma categoria homogênea, sem tratar das diferenças existentes no grupo. Neste trecho, a autora mostra as diversas funções exercidas pelas mulheres negras, que sempre trabalharam para a sua sobrevivência e de suas famílias, e questiona:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (CARNEIRO, 2014, Pp. 1-2).

Além de se referir ao emprego doméstico, sobre o qual trataremos em seguida, a autora toca em importantes funções exercidas pelas mulheres negras, após o período escravagista, onde destacamos as atividades de vendedoras e quituteiras, que lhes conferiram autonomia financeira e possibilitava inclusive o acúmulo de certa riqueza, fazendo contraponto à política econômica que vigorava e ainda vigora em nosso país, onde o poder está concentrado nas mãos de homens brancos.

Dentro das Ciências Sociais, o trabalho de pesquisa desenvolvido pela antropóloga Ruth Landes no final da década de 1930 em Salvador-BA, que culminou com o livro *A Cidade das Mulheres*, traz a percepção da pesquisadora que encontrou na Bahia o que ela denominou de *um verdadeiro matriarcado cultural*. A autora tomou a atuação das mulheres dentro dos terreiros de candomblé e na sociedade mais ampla, que lhes trazia autoridade e respeito daqueles que as









O trabalho doméstico é entendido como uma prática natural da mulher por ser aprendido fora das instituições formais. É marcado pela desvalorização e pela precarização, sendo percebido apenas quando não é feito ou quando é realizado de maneira insatisfatória. Esquecendo-se de que ele é essencial para o funcionamento dos lares e da economia.

O aumento da demanda de trabalho doméstico remunerado ocorreu devido à maior participação das mulheres no mercado de trabalho e à insuficiência de políticas públicas de conciliação entre o trabalho doméstico e a vida familiar; além do envelhecimento da população e a intensificação da jornada de trabalho. Mas isso diz respeito às mulheres que têm uma posição social e uma renda que lhes permitem pagar uma outra pessoa para realizar o serviço doméstico.

No caso das mulheres que não podem fazê-lo, especialmente das mulheres chefes de família, toda a carga atribuída pelo patriarcado, pela determinação de classe e racial, são ainda mais significativos, sobrecarregando-as intensamente, caracterizando o que se pode chamar de múltipla jornada de trabalho, e não mais dupla ou tripla jornada, como já foi pensado anteriormente, pois são diversas as responsabilidades dessas mulheres.

### 3. A vida das mulheres chefes de família: o trabalho não para

As reflexões que se seguirão estão atreladas aos relatos das entrevistadas na pesquisa de mestrado que se encontra em andamento, faz uso de metodologia qualitativa por meio de entrevistas e de observação participante, e é intitulada *Mulheres Chefes de Família em Cruz das Almas - BA: um Estudo Comparativo entre as Classes Popular e Média*. Foram entrevistadas 15 mulheres chefes de família, sendo que dez delas pertencem à classe popular, com renda mensal de até dois salários mínimos, e cinco delas são pertencentes à classe média, cuja renda está entre 12 e 16 salários mínimos mensais.

O grupo de mulheres chefes de família de classe média que faz parte dessa pesquisa pode ser percebido a partir de um critério que diferencia as mulheres nele inseridas: a origem de classe. Para as mulheres que nasceram na classe média e

# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



que se tornaram chefes de família, há um notável favorecimento que a renda familiar possibilita. Vejamos o caso de duas entrevistadas, comparativamente.

Marcela tem 49 anos, se autodeclara indígena, é soteropolitana, mas mora em Cruz das Almas há 32 anos. Possui duas filhas, uma de 27 anos, que é casada, mora com seu esposo e é independente financeiramente da mãe, exercendo a profissão de dentista. A outra é uma criança de 9 anos que convive com sua mãe. A mãe de Marcela é aposentada e foi funcionária pública estadual, seu pai é médico que ainda exerce a profissão, ambos residem na capital do estado, Salvador. Marcela cursou sua graduação na universidade pública no interior e concluiu o curso aos 21 anos. Aos 22 engravidou, quando já estava casada e no curso de mestrado, na mesma universidade, mas conta que “a gravidez não atrapalhou em nada sua carreira”, pois, além de contar com o apoio da mãe, pôde pagar a uma babá para cuidar de sua filha na capital e seguir com os estudos no interior. Ao final do mestrado, tornou-se professora na instituição pública federal de ensino na qual estudou, foi o seu primeiro emprego, aos 23 anos. Logo em seguida deu início ao curso de doutorado. Separou-se aos 40 anos e tornou-se mulher chefe de família, quando sua segunda filha tinha 2 anos. Hoje Marcela vive na cidade de Cruz das Almas com sua filha mais nova e tem um namorado que mora na Alemanha, com o qual ela se encontra periodicamente e afirma estar satisfeita com sua relação

É importante ressaltar que Marcela é uma mulher que contou com o apoio de sua mãe para cuidar de suas filhas, o que a literatura sobre o tema denomina de “rede de parentesco” (WOORTMANN & WOORTMANN, 2002; MACÊDO, 2008), que é majoritariamente formada por mulheres, sejam as de vínculo consanguíneo, amigas ou vizinhas que colaboram com o cuidado dos filhos umas das outras. Também é um fenômeno que ocorre comumente na classe popular, mas não somente, como demonstrado com o caso acima, e como alerta a pesquisa de Macêdo (2008) que trata das famílias chefiadas por mulheres de classe média. Apesar de ter uma babá à sua disposição, Marcela contou com o apoio de sua mãe para cuidar de sua filha mais velha, quando ela ainda estava estudando. A frequência com que isso ocorre demonstra, presumivelmente, uma situação que envolve um cuidado mais próximo promovido a partir das relações consanguíneas e de afetividade.





# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



pessoalmente suas clientes. Ela afirma que precisa se dedicar ao negócio que é dela, “tenho que manter minha clientela e trabalhar duro, senão minha renda baixa, minha filha!”, conta ela. Possui empregada doméstica que cumpre sua tarefa diária e retorna para casa, e cabe à chefe de família o acompanhamento das tarefas realizadas pela empregada, além de cumprir com os trabalhos nos dias de folga de sua empregada.

Ela também diz que o convívio com seu companheiro está difícil, devido às discussões sobre as despesas da casa, além de que ele a trata mal. Ela demonstra desejo em se separar e começar uma nova vida, com um outro companheiro que lhe seja mais afetuoso e que a ajude nas despesas. Afirma Mônica: “Eu quero um homem que me leve pra passear no shopping e pague a conta, que seja gentil e que me ame.” A expectativa de ter um companheiro que cumpra os papéis designados socialmente, como a responsabilidade com as despesas, e que a conduza em determinadas situações, parece povoar o imaginário de muitas mulheres ainda. Mesmo esta, que possui autonomia financeira, deseja um companheiro que se encaixe no modelo do *príncipe encantado*.

Já as mulheres chefes de família de classe popular, que enfrentam dificuldades financeiras, especialmente para dar conta de suas ocupações no mercado de trabalho e do cuidado com os filhos, muitas vezes precisam desenvolver atividades remuneradas dentro de suas próprias casas, como a venda de lanches e quentinhas, a venda de artesanatos e o serviço de manicure, dentre os mais corriqueiros.

É o caso de Amália, 30 anos, parda, com um filho de 4 anos. Mora em uma casa que é sua e de seu irmão, convivendo com seu companheiro, estudou até o nível fundamental completo e teve seu primeiro emprego na agricultura, aos 18 anos. Atualmente, para sobreviver, Amália vende pastel e cachorro-quente em sua casa para a vizinhança. Considera-se chefe de família por ser a dona da casa junto com seu irmão, e por exercer autoridade e responsabilidades no âmbito doméstico. Recebe por mês pouco mais que meio salário mínimo, em média, e conta com as rendas de seu companheiro e de seu irmão para o sustento dos membros da família. É filha de uma operária do armazém de fumo e de um pedreiro. Ela própria é



responsável pelo cuidado de seu filho, que já estuda, além ser a única responsável pelo trabalho doméstico, numa casa com 6 pessoas.

Note-se como se dá a rotina dessa mulher chefe de família, que dentro de sua casa cumpre com os tradicionais papéis de gênero atribuídos às mulheres, como o trabalho doméstico, o cuidado com o filho e o correspondente acompanhamento das tarefas da escola. Além disso, ela se esforça por gerar uma renda que possa proporcionar uma melhor condição econômica para sua família e para seu filho, especialmente, como ela frisa. Por nunca ter contado com a ajuda de babás, recebeu e recebe apoio de uma irmã que é casada e reside em outro endereço, que junto com outras mulheres formam uma rede de ajuda mútua, as chamadas *redes de parentesco*, que é fundamental para a sobrevivência dessas famílias, atuando também no apoio financeiro de emergência, caso alguma dessas mulheres passe por dificuldades econômicas mais sérias.

Outra mulher chefe de família que participa de nossa pesquisa é Cristina, 35 anos, parda, responsável pela família, sendo que a renda da casa é oriunda de sua mãe, que exerce a profissão de lavadeira, e de seu trabalho como arrumadeira em hotel, mas que no momento da entrevista encontrava-se desempregada, e começou a trabalhar aos 17 anos nesta profissão. Mora com mais três pessoas, sendo que duas delas são seus irmãos mais novos, que não contribuem com a renda familiar. Podemos perceber a marca do emprego doméstico na vida dessas mulheres chefes de família, que é a profissão de muitas mulheres brasileiras que se encontram nas classes populares e pertencem à parcela negra da população.

## Considerações Finais

Apresentamos um perfil de quatro mulheres entrevistadas nesta pesquisa e observamos que as diferenças entre as mulheres chefes de famílias de classe média e de classe popular são evidentes. As mulheres de classe média podem contar com o suporte de empregadas e babás, que as auxiliam nas atividades diárias, mas não as exime das responsabilidades com a casa e com os filhos. Já as mulheres de classe popular são aquelas que mais estão presentes no emprego doméstico, uma profissão que amarga as heranças da escravidão, um trabalho que termina por

# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



estabelecer uma relação de subordinação entre as próprias mulheres, as empregadas e as patroas. E cabe a pergunta que nasce da reflexão das feministas negras: como falar em emancipação das mulheres, se para a sua concretização é necessário a subordinação de uma mulher por outra mulher?

Ainda, o cuidado com os filhos e com a casa permanece sendo uma responsabilidade de mulheres, sejam as profissionais que atuam na área ou mesmo as próprias mulheres chefes de família, que como *donas de casa*, não consideram suas múltiplas atividades diárias como trabalho. Mas, afinal, o que é trabalho? Se estamos falando de mulheres que estão constantemente ocupadas, para as quais não existe feriado, fim de semana, dia ou hora para trabalhar.

A nossa sociedade considera trabalho uma atividade que gere renda, que possua valor mercantil. Os fatores econômicos são geralmente privilegiados nas explicações sociológicas sobre o trabalho, sinalizando para a necessidade de articulação entre a esfera de produção econômica (o trabalho remunerado) e a esfera da reprodução (a família), como nos mostra Sorj (2004). Ainda, que a falta de reconhecimento da importância das tarefas exercidas no âmbito doméstico termina impondo limites às oportunidades oferecidas a essas mulheres chefes de família no mercado de trabalho. Mesmo quando há a colaboração de parceiros e outros homens da família, a responsabilidade maior continua sendo das mulheres. Estas, por sua vez, ampliaram suas atividades para o sustento dos seus, tendo que dar conta do excesso de atividades diárias, pela sua sobrevivência e de suas famílias.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: a Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero. Disponível em: < <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf> > Acesso em: 20 abr. 2014.

FONSECA, Claudia. Olhares Antropológicos Sobre a Família Contemporânea. In: ALTHOFF, Rinaldi et al. **Pesquisando a Família**: Olhares Contemporâneos. Florianópolis: Papa-Livros Editora, 2002.



